Anno 17.º | Sabado, 12 de Abril de 1924 | N.º 823

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE DA EMPREZA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. «Progresso» a electricidade—Largo Luiz de Camões - AVEIRO.

Redacção e Administração
R. Miguel Bombarda, n.º 21
AVEIRO

O 9 de Abril

Toda a nação comemorou na quarta-feira o aniversario da sangrenta tragedia desenrolada nos campos de La Lys, onde, em luta com as forças teutonicas, morreram muitos milhares de soldados portuguêses levados á guerra por efeito da nossa aliança com a Inglaterra.

A's 17 horas precisas foi acêso, pela primeira vez, o *Lampadario da Patria—Chama Eterna*, que ficará junto do tumulo dos Soldados Desconhecidos no magestoso templo da Batalha, cerimonia a que presidiu o sr. ministro da Guerra e após a qual se seguiram os 2 minutos de religioso silencio como preito de homenagem aos que tombaram vitimas do dever nessa madrugada a que não podemos chamar gloriosa porque foi sinistra, a que não podemos chamar resplandecente porque foi de esmagamento, de derrota. Não. Não invertâmos os termos. O 9 de Abril para nós é uma data de tristêsa, de recolhimento e de dôr. E' uma data de amargura. Embora o soldado português mantivesse as tradições da sua raça, o heroismo dos seus antepassados. Embora se portasse com a galhardia de sempre. Embora tivesse sido valente e na luta morresse com aquele estoicismo que só na bravura encontra a verdadeira razão de ser.

Não invertâmos, pois, os termos, repetimos. Festas quando o coração de tantas mães sangra por não tornarem a vêr os entes queridos; quando as lagrimas inundam os olhos de tantas esposas e a comoção oprime e sensibilisa tantas noivas—não, mil vezes não!

Gloria aos vencidos do dia 9 de Abril! Mas sem foguetes, sem musica, sem repiques de sinos como nos dias de grande gala.

Assim é que nós compreendemos que se comemore o esforço ingente da raça portuguêsa na guerra cujas consequencias ainda sentimos devido ao estado caotico a que nos conduziram os pessimos administradores da fazenda publica ou sejam muitos daqueles que mais contribuiram para os revezes sofridos, tornando-os possiveis.

Nova aventura aerea

Os destemidos aviadores portuguêses Brito Paes e Sarmento Beires, tendo-se proposto fazer a travessia aerea Lisboa-Macau, levantaram vôo da Amadora para Vila Nova de Milfontes no dia 2 e daqui para a segunda *étape*, Oran, onde já chegaram, apezar do mau tempo, no dia 7.

O aparelho em que iniciaram a arriscada travessia foi baptisada com o nome de *Patria* e é dos melhores aviões que se teem construido nos ultimos anos.

Que sejam felizes para gloria da nação a que pertencem.

Lá iremos

Lembra-nos um leitor ao enviar-nos um exemplar das *Novidades*, do dia 7, que a reacção está deitando os tentaculos de fóra e por isso urge tocar a unir nas fileiras liberais para que se ponham em guarda.

Lá iremos. Com decisão e dispostos a tudo.

Sempre intrujões

Com o titulo—*O nosso Seminario*—e o sub-titulo—*Recordação de Lourdes*—o *E'co Pacense*, orgão oficial da diocese de Beja, publicou o seguinte:

. . . .

Dos que lá fômos quem não tem uma grata recordação a lembrar? Quem não sente os efeitos salutares das Graças de Maria?

Oh! Lourdes!...

Numa das manhãs saudosas, com a gruta rodeada de fieis que a pé firme se conservavam apesar da chuva miudinha que caia, — eram na maior parte portuguezes! – sóbe ao pulpito o Prelado de Beja, para «rezar o terço» declarou, segundo as intenções particulares da sua Diocese.

Era a primeira dezena pelo *seu* clero para que a SS. Virgem lhe obtivesse a graça de o santificar. Era a segunda... não me lembro já, enfim, uma das dezenas era pelo *seu Seminario*. Com uma comoção ardente bradou: *Senhora de Lourdes: daí um Seminario á Diocesse de Beja!* A multidão respondeu reverente e comovida: «Senhora de Lourdes dái um Seminario à Diocese de Beja»!

As suas vozes ecoaram pelas quebradas da montanha e foram ouvidas no céu... Meses decorridos, o Ex.^{mo} Prelado recebe quasi anonimamente uma avultada esmola com esta indicação: «Agradeça esta dádiva a nossa Senhora de Lourdes: é a primeira das que Ela lhe envia como resposta ao seu brado — «Senhora de Lourdes: dái um seminario á Diocese de Beja» que todos nós ouvimos e ninguem esqueceu»!

Com que então, uma nova fabrica de padres, devido a um milagre da Senhora de Lourdes!?

A' Lurdas! — como dizem ali as nosssas visinhas da terra dos *Ilhavos*. Milagres, agora, nem os *jovens caetanos* são capazes de acreditar neles, quanto mais... os que de *pinguissos* não teem nada...

"O Democrata,,

Este jornal não se publica na proxima semana devido ao nosso director ter de se ausentar de Aveiro com demora de alguns dias. Fiquem porêm, certos os assinantes que os compensaremos da falta visto andarmos trabalhando para do proximo mez em deante lhes darmos 4 paginas em vez de 2.

Bernardo Torres

Subscripção para um mausoleu a erigir ao saudoso republicano e prestante cidadão, cuja campa se acha apenas marcada com o n.º 202.

Transporte...	3:581$69
Virgilio Ratola (Mamodeiro)	10$00
Manuel Luiz Coimbra Flamengo Novo Redondo)	50$00
Soma	3:641$69

Fenómeno astronómico

Na terça-feira foi observado nesta cidade um interessante fenómeno astronómico que consistiu na ocultação de Alfa-Taur (Aldéboran) desaparecendo a estrela por detraz do bordo escuro da lua para mais tarde se ver do lado oposto ou fosse aproximadamente uma hora depois de niciado esse caminho

Muitos curiosos contemplaram o espectaculo de nariz assestado...

Imprensa

«Defêsa do Povo»

Recebemos os primeiros numeros deste novo semanario republicano de combate que principiou a publicar-se em Viana do Castelo no dia 20 de março. A sua aparição deu origem, logo de começo, a um conflito na praça publica motivado por certa local onde mais ou menos veladamente se aludia a um pagamento de determinada transgressão por 200 escudos ao empregado que a havia inventado.

Mas se ha tanto disso por esse país em fóra...

A' *Defêsa do Povo* desejâmos, livre de escôlhos, uma longa e prospera existencia.

«O Porvir»

Este jornal é dos mais belos semanarios da provincia, que sai em Beja sob a inteligente direcção do sr. Oliveira de Almeida. Entrou agora no seu 18.º ano de publicação e porque sabemos avaliar, por experiencia propria, quantos sacrificios de toda a ordem são indispensaveis a um periodico que quer manter-se coerente e altaneiro, apressâmonos a enviar-lhe os nossos protestos de solidariedade com felicitações cordeaes de quantos trabalham no *Democrata*.

Reunião de politicos

Parece que chamados pelo chefe do distrito acudiram ontem ao edificio do governo civil alguns politicos em evidencia na nossa terra a quem foi ponderada a necessidade de organisarem a defêsa do regimen, que corre perigo.

Sim? E os ladrões que teem posto o país a saque ainda se não armaram para a batalha? A eles, a eles é que as autoridades devem chamar primeiro, já que a Republica lhes vem servindo de capa.

Felicitações

Juntamente com um cheque de 10$00 para pagamento da assinatura de *O Democrata* por um ano, acabâmos de receber a seguinte carta:

Lisboa, 7 de Abril de 1924.

Ao cidadão Arnaldo Ribeiro
Aveiro

Felicito-o assim como a todos os cooperadores do nosso valente Democrata *por ter completado mais um novo ano de vida em defêsa acerrima dos são principios republicanos. Se todos os jornais que enfileiram a nosso lado seguissem a orientação de* O Democrata *esta desgraçada Republica não tinha chegado á bandalheira a que chegou, não. No tempo da propaganda o que mais se atacava eram os monopolios. Pois nunca em tempo algum eles medraram como agora. Querem um exemplo? Uma passagem no electrico de Alcantara ao Rocio custava 2 cenavos. Hoje custa 80! Como classificar este extraordinario aumento? E os fosforos? E a Moagem? Sim, a Moagem, que nenhum govêrno conseguiu ainda meter na ordem apesar de correrem as mais extraordinarias acusações a seu respeito?*

Isto está tudo pôdre e já não tem cura. Só lamento o tempo que perdi e o dinheiro que gastei para assistir agora ao estendal de miserias que aí se desenrola e tanto nos envergonha nos olhos dos adversarios. Veja a carestia da vida. Que de ideias extraordinarias tem surgido para a combater sem um unico resultado pratico! Até parece troça. A uma falencia assim, palavra, nunca imaginei assistir.

Aonde nos quererá conduzir esta gente?

Cumprimentos e creia-me
Amigo certo

Antonio dos Santos.

A debandada

Por falta de espaço deixámos de referir no penultimo numero que tambem ha pouco o sr. Fausto de Figueiredo, homem inteligente e de rara actividade, enviou para a mesa da Camara dos Deputados, onde tinha assento, uma extensa carta, que sentimos não poder publicar integralmente, na qual, depois de depor a renuncia do seu mandato, afirma não mais querer ter interferencia alguma na vida publica do país. E entre outras razões, todas tendentes a justificar a sua atitude, aponta:

. . . .

«As suspeições acomulam-se, referem as calunias.»

. . . .

«Assim, não falta quem procure encontrar uma intenção oculta em todos os votos que eu formulo.

Se sou deputado é para conseguir a regulamentação do jogo. Se reclamava, ontem, a amnistia dos monarquicos, é porque me não importa a segurança da Republica. Se voto hoje a amnistia aos marinheiros é porque quero conquistar popularidade nos meios radicais. Se discordo da administração do Banco de Portugal, é porque desejo meter amigos na sua direcção. Se combato o credito dos tres milhões de libras, é porque tenho interesses na desvalorização do escudo. Se ataco os especuladores do cambio, é porque estou a jogar na alta. E sempre assim, sobre todas as opiniões que eu formulo da tribuna parlamentar.»

. . . .

«Bem alto digo: nada devo ao Estado. Nunca realisei negocios com o Estado. Nunca pertenci ao numero dos seus fornecedores. Nunca subi as escadas dum ministerio para advogar pretenções ilicitas. Nunca pedi a qualquer governo a pratica dum acto que para mim representasse um beneficio directo. Posso afirmar tudo isto de cara bem levantada e consciencia bem tranquila.

Entretanto, sinto que a sombra da suspeição não deixa de pairar á minha volta, atingindo até pessoas que se encontram na esfera das minhas relações e ás quais me encontro ligado por laços de simpatia que nunca foram manchados,por qualquer mesquinho interesse material.

«Não deserto voluntariamente do meu posto de combate. Submeto-me ás circunstancias que me impõem o isolamento. Mas abandonando a vida publica jámais deixarei de ser o que sempre fui: um português que ama enternecidamente a sua Patria, que trabalha pelo seu engrandecimento, pela sua prosperidade, e que deseja apaixonadamente vê-la erguer-se cada vez a maior altura no conceito de todo o mundo.»

O sr. Fausto de Figueiredo, para todos os efeitos, representa um valor e um valor estima-se, não se repéle.

O Democrata vende-se no *Quiosque Raposo*, Praça Marquez de Pombal—Aveiro.

Comemorando

A agencia de Aveiro da Liga dos Combatentes da Grande Guerra para não deixar passar despercebido entre nós o aniversario da batalha de 9 de Abril, mandou nesse dia rezar uma missa a grande instrumental na igreja da Misericordia, sofragando as almas dos combatentes mortos, e a que assistiram bastantes pessoas de todas as classes sociais para esse fim convidadas.

Pelas 21 horas, e promovida pela Liga, realisou-se tambem uma sessão solêne no Teatro Aveirense, literalmente cheio de espetadores até mais não comportar, á qual presidiu o sr. Julio Cruz, governador civil do distrito, secretariado pelo capitão-tenente de Marinha, Rocha e Cunha e pelo comandante de cavalaria 8, sr. Carlos Guimarães.

O capitão Veiga, secretario da Liga, disse dos motivos que haviam determinado a reunião de tanta gente naquele logar, acudindo ao apêlo que lhe fôra feito, depois do que se lhe seguiu o sr. governador civil, proferindo o seguinte discurso:

Minhas Senhorao e
Meus Senhores

Foi hoje comemorada a data gloriosa do 9 de Abril em todo o Paiz prestando-se culto á memoria dos herois humildes que nessa sublime epopeia da grande guerra souberam defender, com galhardia e bravura, o nome de Portugal,

E' ainda nesta sessão solêne, a que tenho a honra de presidir, que se vae exaltar o esforço da raça nessa grande aventura.

Prestei já, na sacrificada terra de Ilhavo, as minhas homenagens aos combatentes da maior conflagração dos nossos dias. Disse como poude e como sabia toda a minha admiração por esses herois gloriosos.

E, tendo de fazer uso da palavra, entre outros ilustres oradares, o dr. Leonardo Coimbra, a mais bela personificação do verbo da raça, deixarei que ele, com a sua encantadora linguagem, revista de esplendores esta apoteose que vai ser consagrada ao eterno culto da eterna equidade e da liberdade imortal.

Entre as palmas da assistencia é depois dada a palavra ao professor da Escola Primaria Superior, sr. Agostinho de Souza, que profere uma encantadora e patriotica oração, cheia de conceitos e encitamentos, o que lhe valeu ser extraordinariamente ovacionado ao concluia-la num repto de rara eloquencia e fulgurante brilhantismo.

Seguem-se-lhe o sr. dr. André dos Reis, os academicos França Martins e Alipio Antunes, que recita versos, e por ultimo o professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sr. dr. Leonardo Coimbra, a quem o publico escuta atentamente durante as suas concepções filosoficas, dispensando-lhe, quer ao aparecer no palco, quer ao terminar, vivos aplausos no fim dos quais foi encerrada a sessão com vivas á Patria e á Republica.

A banda regimental, que fez ouvir alguns trechos de escolhida musica sob a regencia do seu habil chefe, sr. tenente Lourenço da Cunha, executou no principio e ao terminar a sessão o hino nacional, escutado de pé por a compacta assistencia, inclusivé as senhoras que, por completo, ocupavam os camarotes.

EM ILHAVO

A inauguração do monumento que os nossos visinhos levantaram numa das suas novas praças, aos que, pertencendo a esse concelho, morreram pela Patria durante a conflagração europeia, revestiu tal brilhantismo que pena temos do espaço de o *Democrata* ser tão curto para um circunstanciado relato como desejariamos fazer em homenagem mesmo áqueles que, animados por sentimentos patrioticos, á custa de porfiado trabalho, conseguiram erguer esse padrão que eternamente lembrará um dos mais agitados periodos da nossa historia contemporanea. Mas é-nos impossivel e por isso vâmos limitar a resumidas notas de reportagem o muito que nos foi dado ver e observar durante a tarde de quarta-feira na séde do populoso concelho.

Ilhavo asseou-se, vestiu-se de galas, fez sair para as ruas as suas mulheres bonitas, que as tem em grande numero. E ás 10 horas, igreja matriz repleta de fieis, teve principio, com exequias por alma dos soldados mortos em combate, a solenidade do dia. Depois, ás 14 horas, o cortejo civico. Saiu dos Paços do Concelho, em Cimo de Vila e nele se encorporaram as creanças das escolas com os seus estandartes, soldados combatentes da Grande Guerra, soldados do posto maritimo e do posto fiscal da vila, soldados de Infantaria 24, da Aviação, Cavalaria 8, Guarda Republicana, Governador civil, elemento oficial, convidados, bandas de musica, etc., etc. As ruas embandeiradas, das janelas pendendo ricas colchas de sêda e de damasco, mãos delicadas de meninas gentis atirando flôres, assim se percorre o extenso itenerario até junto do Monumento, que milhares de pessoas circundam, tomando logar, ao lado, sobre um estrado, aquelas que, no acto, tinham representação especial. Constituida a mesa e convidado o capitão-tenente Rocha e Cunha, representante do Ministro da Marinha, a descerrar a memoria envolta numa grande bandeira nacional, essa cerimonia se efectua entre vivas á Patria, o estralejar de foguetes, hinos das bandas de musica e os canticos da mocidade das escolas, sendo grandioso, extraordinariamente belo, empolgante, o aspecto do local no curto espaço que isto decorre.

Depois proferem-se discursos. Primeiro é o sr. Manuel Marques Damas; após o sr. Governador Civil, seguindo-se José Teles, director de *O Ilhavense*, que fala com entusiasmo e tem momentos arrebatadores; o professor Guilhermino Ramalheira, o academico Vaz Craveiro, o tenente Alberto Mendonça, o dr. Julio Calixto, Diniz Gomes, presidente da Câmara, que se espraia em considerações sobre o momento que passa e termina com uma invocação de fé patriotica muito sentida; Rocha e Cunha, que lê um louvor do Ministro da Marinha ao bravo ilhavense Manuel Crua Branco e para terminar a série, o dr. Leonardo Coimbra, que, filosofando, filosofando sempre, tornando-se, por vezes, incompreensivel, chega ao fim precisamente ás 17 horas em que a multidão se descobre e, estatica, ungida pelo mesmo pensamento, observa os 2 minutos de silencio com que rematou a glorificação dos mortos para exemplo dos vivos.

* * *

Finda a parte principal do programa e a expensas da edelidade ilhaveuse, teve logar um *copo de agua* numa das dependencias camararias para que foi solicitada a comparencia de todos os convidados e que gentis meninas serviram com requintes de amabilidade jámais ultrapassados.

Houve brindes, sendo a Camara e a comissão, que levou a cabo a erecção do Monumento, muito saudadas.

O Director de *O Democrata* agradece as atenções que lhe foram dispensadas como representante do jornal, incluindo nesse agradecimento os srs. Julio Cruz, governador civil do distrito, e Judice Biker, comissario de policia, pela honra que lhe deram, instando para que os acompanhasse na viagem á antiga vila, hoje uma das mais ricas desta circunscrição administrativa.

Benemerencia

O nosso presado amigo e antigo republicano, Manuel Luiz Coimbra Flamengo, que deve estar prestes a partir para o continente ao cabo de alguns anos de permanencia na Africa Ocidental, enviou-nos com destino aos pobres de *O Democrata* a quantia de 50$00, que vai ser distribuida por ocasião da Pascoa.

Por sua vez, a Direcção do Teatro Aveirense acaba de fazer chegar ás nossas mãos a seguinte carta:

Aveiro, 8 de Abril de 1924.

...Sr Director de *O Democrata*
Aveiro

Os espetaculos cinematograficos realisados em 23 de Dezembro, cujo produto foi por esta Direcção destinado a socorrer os pobres, cégos, entrevados e envergonhados desta cidade, tiveram o rendimento de Esc. 1.465$00, do qual foi distribuida a quantia de 1.400$00 no dia de Natal, restando, portanto, um saldo de Esc. 65$00 que temos a honra de lhe enviar junto a esta, pedindo-lhe a subida fineza de o distribuir por alguns necessitados que mais dignos áche dêssa esmóla e que V. tenha tomado debaixo da protecção dêsse jornal, unico que correspondeu ao convite que oportunamente fizemos para que nos fornecesse uma lista de pobres de que tivesse conhecimento.

Agradecendo antecipadamente, em nome da Direcção do Teatro Aveirense, permita-me apresentar a V. a expressão da nossa estima e muita consideração.

Pela Direcção
Pompeu Alvarenga
Tesoureiro.

São, pois, 115$00 que, pelos necessitados, *O Democrata* deve dividir de hoje a oito dias, cumprindo-nos aqui exarar o previo reconhecimento a quantos, por nosso intermedio, desejam levar um pouco de conforto aos lares onde tudo falta, mórmente depois que a vida se tornou um verdadeiro suplicio pela carestia dos generos considerados indispensaveis.

Notas mundanas

Parte âmanhã de novo para o Congo Belga onde é activo negociante, o nosso amigo Julio Diniz, a quem este jornal e o seu director devem atenções que jámais serão esquecidas.

Que tenha feliz viagem e as auras da felicidade o não desamparem é o que sinceramente desejâmos.

— Tem melhorado ultimamente o ilustre comandante de Infantaria 24, sr. Pinto Queimada, cujo estado chegou a inspirar serios cuidados.

— Já sai á rua quasi por completo restabelecido, o sr. José Moreira Freire.

— Regressou de Lisboa com sua familia, o sr. Francisco Lopes Gama.

— Fez anos no dia 10 o sr. Antonio Souto Ratola e ontem o sr. Victor Coelho da Silva.

Correspondencias

Angeja, 8

Quer dizer: não se deve exteriorizar uma cousa que se sente! Como chamar a isto?

Não é outra cousa senão a hipocrisia...

(Do *«Despertar de Angeja»* n.º 9)

Outra calinada refugada no indigesto pastelão do seráfico donzel Ricardo Souto, que no amanho literario e na substancia, fica muito abaixo de quem frequenta a meza da comunhão e anda sempre sob a capa do seu anjo da guarda, para que Deus ou o Diabo o livre de brigas e encontros nos meandros escabrosos da vida. Sem querer, arruguei o supercilio daquele púdico moço, adubado nas estufas do carolismo, quando na minha primeira cronica escrevi que isto de apregoar a mesa da comunhão como remedio da crise moral, á laia de quem inculca pilulas catárticas para desentupir os intestinos, é daquelas descabeladas chochices que *alguem pode senti-lo, mas não confessa-lo*. Foi este o meu pensamento pouco mais ou menos; pois valeu-me logo o apodo de *hipocrita*, carapuça que eu enterro na cabeça e não tiro, para me não ver na necessidade de dizer do menino Ricardo Souto o que êle merece e me acóde ao bico da pena. Se pequei, afirmando que nem tudo quanto sentimos se deve dizer, ajoujo-me sob a responsabilidade da sabedoria das nações—*nem todas as verdades se devem dizer*.

Ha dias, trocando impressões com duas pessoas gradas e uma delas clerigo, ambas deixaram transparecer o seu desgosto pela atitude ridicula e desastrada, assumida pelo ignorantinho que com os seus rabiscos, só consegue desprestigiar a causa que pretende defender. Que, se anda entupido, dizia um deles, com o elixir da mesa da comunhão para sanar a crise moral, menor do que a crise que lhe invadiu os miolos, melhor seria que fizesse propaganda em familia, e arrotasse asneiras de portas a dentro, com dieta de purga e pachos na cabeça, e não viesse para o publico coçar-se da brotoêja mistica que ninguem tem obrigação de lhe aturar, e muito menos quem paga para lhe ler as tolices. Por hoje não me alongo mais a respeito deste futuro espeque dalguma *Juventude Catolica*, mais talhado para menino do côro, lamentando só que alguem da redacção não tenha praticado a acção meritoria e decente de cortar os vôos ao escriba implume, não tolerando que continue a fazer do jornal despejadouro de parvoiçadas. Por emquanto vá mastigando a sebenta, e não se faça de vela para abicar assuntos, para o que não é habilitação bastante papar hostias e mascar padre nossos.

A proposito e em tempo se declara que, na nossa ultima correspondencia, saiu *classico* em vez de *eclesiastico*, *formou* por *firmou*, e *sol* em vez de *sal*. Pede-se á revisão um pouquinho mais de cuidado, sim?

J. H.

—

Oliveirinha, 10

Recolheu novamente á cama por se lhe ter agravado a doença de que ha tempo fôra acometido, o respeitavel professor, sr. João de Almeida Vidal, por cujas melhoras fazemos ardentes votos.

—A feira dos 7 esteve fracamente concorrida, mas ainda assim realizaram-se algumas transações de vulto.

—Na quinta-feira da semana passada faleceu quasi repentinamente uma filhinha, de 5 anos, do sr. José Ferreira Dias pelo que é enorme a consternação dos desolados paes, a quem enviâmos sentidas condolencias.

O funeral da inditosa creança foi um dos mais concorridos que temos visto, indo o seu cadaver coberto de flores orvalhadas pelas lagrimas saudosas das pessoas amigas que a acompanharam á ultima morada.

C.

—

Costa do Valado, 10

O tempo anda virado de todo. Frio e chuva com fartura a ponto de estarem as lavouras ainda por fazer e bastante batata por semear.

Já lá viram uma coisa assim?

Os lavradores, alguns, andam desanimados de todo; outros porém alimentam a esperança de que havemos de ter um ano bom embora as sementeiras estejam atrazadas. Oxalá que estes se não enganem porque se mal estâmos quando fôr daqui a mais algum tempo é uma calamidade.

—Embarcaram na terça-feira á noite para Lisboa donde devem seguir para a Provincia de Angola, os nossos conterraneos José da Silva Melo e Manuel Sarrico.

Bôa viagem e felicidades.

C.